

**A PRESENÇA DA ORALIDADE
NA POÉTICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE:
UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICA DAS REPETIÇÕES
E DAS PARÁFRASES NO TEXTO POÉTICO¹**

Gil Roberto Costa Negreiros
(PUC-SP e UNIVERSITAS)

RESUMO

O artigo apresenta uma análise da oralidade presente na poesia de Carlos Drummond de Andrade. Por se tratar de um trabalho que tem como objetivo examinar as relações entre fala e escrita, define-se, como perspectiva de trabalho, a tendência sociointeracionista, com referencial teórico baseado na *Análise da Conversação*. Assim, investigamos algumas marcas comuns no texto oral, como repetições e paráfrases, presentes em um poema drummondiano.

Palavras-chave:

Análise da Conversação; língua falada; língua escrita, paráfrase; pausa

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, os estudos lingüísticos sociointeracionistas defendem a idéia de que língua falada (LF) e língua escrita (LE) devem ser encaradas não em posições dicotômicas, mas sim em um *continuum*. De acordo com esse princípio, há textos que ocupam posições intermediárias entre os dois tipos de língua.

Nosso objetivo, nesse trabalho, é realizar uma análise lingüística segundo a perspectiva sociointeracionista, tendo como *corpus* um poema de Carlos Drummond de Andrade. Para tanto, torna-se necessário discutirmos alguns pontos relevantes do modelo teórico aqui adotado. Em seguida, examinaremos um texto do poeta, tentando apontar características que confirmem nossa hipótese, segundo a qual há aspectos orais no texto escrito.

¹ Este artigo faz parte da pesquisa, por nós desenvolvida, intitulada de *A oralidade na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Essa dissertação foi defendida em junho de 2003, sob a orientação do Prof. Dr. Dino Preti, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

MODELO SOCIOINTERACIONISTA

O modelo sociointeracionista trata da relação fala e escrita dentro de um contexto dialógico, ou seja, essa relação não é considerada um sistema dicotômico, mas um modo único e complementar de compreensão do mundo. (cf. Barros, 2000: 58)

Seguindo esquema proposto por Marcuschi (2001: 33), dentro da perspectiva sociointeracionista, ambas as modalidades (LF e LE) apresentam dialogicidade, funções interacionais, coerência e dinamicidade. Também são fundamentos deste paradigma a negociação, os usos estratégicos e a situacionalidade, que auxiliam na percepção da língua como um fenômeno interativo e dinâmico.

De acordo com esse modelo, torna-se muito difícil – senão impossível – uma separação estanque entre LF e LE. Estas seriam modos de representação cognitiva e social reveladas em situações específicas. Nessa perspectiva, não cabe considerar uma modalidade superior ou inferior à outra, pois a fala e a escrita não possuem características negativas ou positivas. Uma separação dicotômica iria de encontro à existência de um *continuum*, que existiria entre LF e LE:

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques. (Marcuschi, 2001: 34)

Assim, fala e escrita são realizações de um mesmo sistema, com características acentuadas próprias, que podem contagiar a outra modalidade, formando posições intermediárias, que nada mais são do que outras formas de produzir os sentidos do mundo, mais distantes ou próximas da fala ou da escrita (cf. Barros, 2000: 58). Desse modo, as diferenças entre LF e LE são analisadas, no paradigma sociointeracionista, sob o ponto de vista dos usos e não do sistema. A diferenciação não se torna dicotômica, mas sim escalar e gradual.

Dessa maneira, uma conversa telefônica ocuparia, se considerarmos o espaço de realização textual, uma posição intermediária entre LF e LE, pois o contexto interacional é ausente e os interlocutores encontram-se parcialmente presentes (os aspectos paralingüísticos, como o olhar, o riso, os meneios da cabeça, a gesticulação, não são percebidos). Ora, as ausências do contexto interacional e dos espec-

tos paralingüísticos são características do texto escrito. Assim, podemos afirmar que conversações telefônicas encontram-se em posições intermediárias na relação LF e LE.

Do mesmo modo, alguns textos produzidos nos *chats* da Internet, apesar de pertencerem à modalidade escrita, podem possuir características orais, tais como a construção coletiva do texto, alternância de papéis (falante-escritor x ouvinte-leitor) e descontração.

CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA

Dissemos acima que LF e LE não se encontram em posições estanques, mas sim em escalas graduais, podendo ocorrer características da língua falada na língua escrita e vice-versa. Iremos nos preocupar, aqui, com as repetições e as paráfrases presentes no texto escrito, lembrando que estas fazem parte do conjunto das características da LF. Demonstraremos, assim, que o autor, no caso Drummond, faz uso de determinados recursos da LF na construção do texto escrito.

A repetição

Uma das mais ricas características da conversação espontânea ideal, a repetição é, também, segundo Koch (2001: 118), uma estratégia da construção do discurso. Parafraseando Tannen, Koch (2001) defende que a repetição é fundamentalmente humana, se considerarmos que existe uma tendência universal para imitar e repetir. Da mesma maneira, a emoção estaria relacionada ao familiar, ao que retorna, ao que se repete. Diz-nos Koch:

Tannen [...] defende a posição de que há uma tendência humana universal para imitar e repetir. Ressalta que, ao contrário do senso comum que sugere ser maçante tudo o que é pré-estruturado, fixo, repetido, a emoção está intimamente associada ao familiar, ao que retorna, ao que se repete. A seu favor, invoca as palavras de Freud: “A repetição, a re-experienciação de algo idêntico, é claramente em si mesma fonte de prazer”. (2001: 118)

Em relação aos tipos de repetição na LF, Tannen (1985) divide o fenômeno em dois grandes grupos, em relação ao enunciado

matriz²: repetição das próprias palavras e repetição das palavras de outros falantes. Quanto ao modo de se repetir, a autora cita alguns tipos de repetição que são, segundo ela, relacionados, porém distintos. Assim teremos a repetição exata, as repetições parciais (denominadas repetição com variação) e as paráfrases (que serão explicitadas no item 3.2).

Por sua vez, Castilho (1988) divide as repetições presentes na LF quanto às suas funções. Assim, teríamos, entre outras: a repetição de constituintes sentenciais, cuja função seria restituir estruturas canônicas do texto; a repetição enfatizadora, que, como a própria nomenclatura já diz, objetiva enfatizar alguns elementos da sentença; a repetição sintetizadora, que condensa a idéia expressa na expressão matriz.

A paráfrase

Entendemos paráfrase como

...um enunciado que reformula um enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica. Em termos mais simples, a paráfrase retoma, com outras palavras, o sentido de um enunciado anterior. Ela, portanto, supõe sempre um enunciado de origem com o qual está em relação parafrástica. (Hilgert, 1999: 111)

Outra definição pertinente é aquela apresentada por Fuchs, em sua obra dedicada à paráfrase. Segundo ela, paráfrase é

...a transformação progressiva do ‘mesmo’ (sentido idêntico) no ‘outro’ (sentido diferente). Para redizer a ‘mesma’ coisa acaba-se por dizer ‘outra’ coisa, no termo de um processo contínuo de deformações negligenciáveis, imperceptíveis. (1982, 49-50)

Nesse sentido, a paráfrase se mostra implicitamente ligada ao paradoxo, já que há uma repetição de conteúdos e, por serem repetidos, acrescentam-se semanticamente e, desse modo, mudam. (cf. Castilho, 1998: 75).

² O termo “matriz” refere-se a expressão da qual se origina a repetição.

CORPUS

O poema drummondiano que pretendemos examinar intitula-se *Oh minha senhora Ó minha senhora*. Trata-se de um exemplar retirado de *O amor natural*, coletânea de poemas eróticos publicada postumamente. Eis o texto:

Oh minha senhora

Ó minha senhora

Oh minha senhora ó minha senhora oh não se incomode senhora minha não faça isso eu lhe peço eu lhe suplico por Deus nosso redentor minha senhora não dê importância a um simples mortal vagabundo como eu que nem mereço a glória de quanto mais de... não não não minha senhora não me desabote a braguilha não precisa também se despir o que é isso é verdadeiramente fora de normas e eu não estou absolutamente preparado para semelhante emoção ou comoção sei lá minha senhora nem sei mais o que digo eu disse alguma coisa? sinto-me sem palavras sem fôlego sem saliva para molhar a língua e ensaiar um discurso coerente na linha do desejo sinto-me desamparado do Divino Espírito Santo minha senhora eu eu eu ó minha senh... esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nád... tanta nudez me deixa naufragado me mata me pulveriza louvado bendito seja Deus é o fim do mundo desabando no meu fim eu eu... (Andrade, 2000: 59)

REPETIÇÃO E PARÁFRASE:

MARCAS DA ORALIDADE NO TEXTO ESCRITO

Em relação ao enunciado matriz e quanto ao modo de se repetir

Todas as repetições encontradas no texto acima se originam de matrizes produzidas pelo enunciador, ou seja, no dizer de Tannen (1985), são repetições das próprias palavras, já que apenas um dos interactantes se torna explícito. No caso específico do poema, temos apenas o registro das palavras proferidas pelo escritor. Assim, se considerarmos, em um esquema comparativo, o (1) grupo do escritor/falante (aqui denominado *enunciador*) e o (2) grupo do leitor/ouvinte, podemos afirmar que há, no texto aqui analisado, repetições de termos produzidos por um dos interactantes, mais precisamente por aquele pertencente ao primeiro grupo (escritor/falante).

Quanto aos modos de repetição propostos por Tannen (1985), dissemos acima que podem ser divididos em três grupos: repetição exata, repetição parcial e paráfrase. Apontaremos, a seguir, exemplos

que representam duas dessas modalidades: repetição exata e paráfrase.

No primeiro caso, encontramos, em oito oportunidades, a repetição da expressão *minha senhora*. Recurso puramente oral, esse uso repetitivo passa, ao leitor, todo nervosismo e ansiedade do momento vivido pelos amantes, representados pelo enunciador e por uma suposta amante (*minha senhora*). Da mesma maneira, repetições exatas podem ser percebidas, também, no uso do *não* e do *eu*. Desse modo, todo nervosismo vivido pelo enunciador é denunciado pelas hesitações encontradas na repetição do advérbio de negação *não* e pelo pronome pessoal *eu*.

Em *eu lhe peço eu lhe suplico*, encontramos exemplos de paráfrase. Assim, o trecho *eu lhe peço* é matriz da expressão *eu lhe suplico*. A variação torna-se presente por meio de gradação de idéias existentes entre os verbos *pedir* e *suplicar*. O enunciador, nesse caso, reconstrói e reforça seu pedido usando o verbo *suplicar* como repetição variada de *pedir*. A mesma gradação é encontrada em *não se incomode/ não faça isso*. O enunciador, em um primeiro momento, age de uma maneira mais polida ao empregar a expressão *não se incomode*. A seguir, com o aumento da tensão entre ele e a suposta amante, há um reforço no pedido, que pode ser observado no pedido negativo *não faça isso*.

O mesmo caso pode ser encontrado em *sem palavras sem fôlego sem saliva*. Aqui, ao contrário dos primeiros casos de paráfrase já discutidos, não há gradação de idéias, mas sim uma equivalência de sentidos entre os termos *palavras / fôlego / saliva*. Nesse caso, a repetição é encontrada na correspondência semântica dos termos no texto, o que vai ocorrer também na expressão *me deixa naufragado me mata me pulveriza*. As palavras *naufragado / mata / pulveriza* carregam, nesse caso, significados próximos.

Dividindo a expressão *nem sei mais o que digo eu disse alguma coisa?* em duas partes, teríamos:

(3) *nem sei mais o que digo*

(4) *eu disse alguma coisa?*

Pode-se afirmar que o enunciado (4) reformula o enunciado (3). Entretanto, (4) mantém com (3) uma relação de equivalência

semântica. Desse modo, (4) retoma o sentido de (3). A reformulação se dá a partir de uma anulação do enunciado matriz. O enunciador, em um primeiro momento, afirma que não sabe mais o que diz. Entretanto, ao formular a segunda expressão, ele acaba questionando o primeiro enunciado.

Um outro exemplo de paráfrase é encontrado na expressão *esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nád... tanta nudez*. Nesse caso, os termos *esses seios / esses pêlos / essas nád...* (que é um corte brusco da palavra *nádegas*) são, no desenvolvimento do trecho, resumidos pela paráfrase *tanta nudez*. Essa última expressão sintetiza e resume toda informação exposta no início do enunciado. Ou seja, *seios, pêlos e nádegas* são resumidos por *tanta nudez*.

Quando à função da repetição

Quanto à função, as repetições observadas no poema se enquadram nas seguintes categorias: repetição enfatizadora, repetição sintetizadora e repetição de constituintes sentenciais. Estas últimas podem ser encontradas na série de vocativos *minha senhora*, já que, no texto em questão, o enunciador só trata a amante com essa designação.

Em relação à repetição enfatizadora, podemos citar como exemplo: (5) *não se incomode/ não faça isso*, (6) *eu lhe peço eu lhe suplico* (7) *nem sei mais o que digo eu disse alguma coisa?* (8) *sem palavras sem fôlego sem saliva* e (9) *me deixa naufragado me mata me pulveriza*. Em todos esses casos, a idéia presente na expressão matriz é destacada pelas repetições, ou seja, a idéia presente na primeira expressão é enfatizada pelas seguintes. Assim, teremos:

N.º	Matriz	Repetições
(5)	<i>não se incomode</i>	<i>Não faça isso</i>
(6)	<i>eu lhe peço</i>	<i>Eu lhe suplico</i>
(7)	<i>nem sei mais o que digo</i>	<i>eu disse alguma coisa?</i>
(8)	<i>sem palavras</i>	<i>sem fôlego, sem saliva</i>
(9)	<i>me deixa naufragado</i>	<i>me mata me pulveriza</i>

Como repetição sintetizadora, temos o enunciado *esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nád... tanta nudez*.

Nesse exemplo, conforme já dissemos, a expressão *tanta nudez* resume a idéia contida na primeira parte do trecho:

(10) *esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nád...* [matriz]

(11) *tanta nudez* [repetição sintetizadora de (10)]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos, neste estudo lingüístico, que o *continuum* proposto pela perspectiva sociointeracionista é verídico. Dessa maneira, podem existir variedades de textos que se encontram em posições intermediárias entre LF e LE.

No poema analisado, verificamos que a oralidade se faz presente por meio de repetições e paráfrases, comprovando a tese segundo a qual não devemos considerar LF e LE como dicotomias estanques e pólos opostos, mas sim em posições escalares e graduais, que se encontram entre as duas modalidades de uso da língua.

Por sua vez, essas marcas do oral, presentes no texto e analisadas neste artigo, podem ser consideradas recursos que visam à manutenção da interação entre o enunciador e seu hipotético co-enunciador. Além disso, as repetições e paráfrases, analisadas neste estudo, garantem um maior grau de expressividade no texto poético drummondiano. Assim, essas estratégias lingüísticas, comuns no texto oral, podem ser consideradas recursos intencionais na poesia de Drummond.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas. Projetos Paralelos, v. 4, p. 57-77, 2000.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

FUCHS, Catherine. *La paraphrase*. Paris: PUF.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. **In:** PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações. Projetos Paralelos, vol. 1, p. 103-127, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. A repetição e suas peculiaridades no português falado no Brasil. **In:** URBANO, Hudinilson et al. (org.) *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

TANNEN, Deborah. *Repetition and variation as spontaneous formulaicity in conversation*. Washington, Georgetown University, 1985 (mimeografado).